



Nana Moraes/Divulgação

Em, versão própria

Depois de **três décadas como intérprete**, uma das mais **respeitadas do samba e da MPB**, **Teresa Cristina** prepara o lançamento de seu primeiro **álbum autoral**. O single **“Tudo Que Eu Tenho”** antecipa o novo trabalho da cantora **só com músicas suas**. Página 2

AFFONSO NUNES

Foram quase 30 anos emprestando a voz — uma das mais expressivas do samba contemporâneo — ao repertório alheio.

De Paulinho da Viola a Cartola, de Noel Rosa a Zeca Pagodinho, Teresa Cristina construiu uma carreira sólida como intérprete, alguém que canta (e bem), investiga, garimpa e reorganiza repertórios de respeito com o rigor e método de quem cursou Letras antes de ganhar os palcos. Agora, aos 58 anos, ela dá o passo que talvez tenha ensaiado por tanto tempo: no último fim de semana chegou aos aplicativos a canção “Quando a Onda Passar”, primeiro single de “Tudo Que Eu Tenho”, álbum programado para o fim de julho que marca o primeiro trabalho totalmente autoral e inédito de sua carreira.

Na bela faixa, assinada por Teresa Cristina em parceria com Mosquito e Xande de Pilares, a artista canta que nem todo amor precisa se eternizar como relação amorosa para seguir. Às vezes a amizade é o que resta e esta também é moeda rara. Virar a página de uma relação também pode ser um gesto de cuidado. “Por mais que eu não queira partir não dá pra ficar”, avisa ela num dos versos da faixa produzida por Pretinho da Serrinha (mesmo parceiro que pilotou “Jessé — As Canções de Zeca Pagodinho”, lançado em janeiro deste ano). O single já está disponível nas plataformas digitais pela Altafonte.

O álbum “Tudo Que Eu Tenho” foi contemplado pelo edital Natura Musical, e o selo da cantora, Uns Produções, assina a produção executiva. A ficha técnica reúne músicos de primeira linha: Charlinhos no baixo, Miguel Torres na bateria, Juan Felipe no cavaquinho, Marcelo Minios no violão, além do próprio Pretinho no pandeiro, na cuíca e no tamborim, entre outros. O repertório, todo inédito, promete atravessar memória, maturidade, espiritualidade, política e afetos — uma espécie de balanço de vida desenhado por quem passou os últimos 15 anos acumulando canções próprias sem encontrar o momento certo de gravá-las.

Essa espera foi longa. Em entrevista na ocasião do lançamento de “Jessé”, Teresa Cristina já adiantava a ansiedade pelo novo projeto: “É como se eu tivesse recomeçando a minha vida, sabe? Tô trocando de escritório, trocando de empresário e voltando pro estúdio para cantar o que eu faço, o que eu componho. Eu comecei a cantar samba sendo compositora, nunca tive sonho de ser cantora. O que me levou para tudo isso foi uma pesquisa sobre o Candeia, mas eu comecei a compor antes de cantar”. E completou: “São 15 anos de músicas, composições. Fiquei com medo de elas ficarem cansadas.”

Nascida em Bonsucesso e cria-



Nana Moraes

Depois de cantar os mestres, ela dá voz a si mesma

O repertório inédito do próximo álbum de Teresa Cristina é um balanço de vida, como ela mesma diz: ‘Comecei a cantar samba sendo compositora. São 15 anos de composições. Fiquei com medo de que elas ficassem cansadas’

da na Vila da Penha, Teresa Cristina Macedo Gomes teve uma trajetória digna de roteiro de cinema. Antes de chegar ao samba, foi manicure, fiscal do Detran, vendedora de cosméticos e programadora de rádio pirata na UERJ, onde cursou

Letras.

O estalo veio aos 25 anos, quando um amigo da faculdade lhe emprestou um disco de Candeia. Ela, roqueira na época, conta que conhecia o compositor desde criança, por influência do pai, mas foi só na vida adulta que a obra do

sambista fez sentido como ferramenta de afirmação identitária e política. Montou um espetáculo com o repertório de Candeia e, em 1998, foi cantar no Bar Semente, na Lapa. O bairro vivia então uma espécie de ressaca boêmia, e aquele pequeno palco — somada à roda

que se formou ao redor do Grupo Semente — ajudou a reavivar a cena do samba carioca.

Em 2002, o álbum duplo “A Música de Paulinho da Viola” a projetou nacionalmente. O trabalho rendeu o Prêmio TIM de Música como cantora revelação e uma indicação ao Grammy Latino de Melhor Álbum de Samba. Paulinho declarou na época: “É uma figura jovem e cativante, excelente cantora de samba. A gente está precisando de cantoras assim, porque hoje em dia não tem gente interpretando samba como ela”. Marisa Monte, outra admiradora, diz: “Ela é maravilhosa. É uma devota do samba, que vai às raízes e pesquisa. Uma artista íntegra, que interpreta sem afetação”.

De lá para cá, vieram os álbuns autorais — “A Vida Me Fez Assim” (2004), “Delicada” (2007), “Melhor Assim” (2010, ao vivo) — e a trilogia de songbooks que a consagrou como intérprete: “Teresa Cristina Canta Cartola” (2016), lançado pelo selo None-such Records com turnê mundial ao lado de Caetano Veloso; “Teresa Cristina Canta Noel” (2018), com produção de Caetano; e, neste ano, “Jessé — As Canções de Zeca Pagodinho”, em janeiro. Em 2020, durante a pandemia, virou a “Rainha das Lives” com 203 dias consecutivos de transmissão — feito que lhe rendeu o prêmio Faz a Diferença (O Globo) e o título de Artista do Ano pela APCA.

“Tudo Que Eu Tenho” chega num momento em que Teresa Cristina parece disposta a ocupar um lugar que por muito tempo deixou em segundo plano: o de compositora. Em fevereiro, ela dizia: “Passei muito tempo cantando o ponto de vista masculino. Com muito orgulho, gravei tudo que quis, mas acho que ainda tenho muito assunto para falar como mulher”. Depois de tantos anos celebrando a obra de grandes mestres, Teresa Cristina começa a confiar na própria caneta.

A cantora e compositora que, em 2024, assumiu a apresentação do “Samba na Gamboa” na TV Brasil, manifesta também o desejo de firmar parcerias com outras mulheres, entre as quais Zélia Duncan, Liniker e Marina Iris.

A turnê de lançamento do álbum começa em setembro, com três datas confirmadas: Salvador (19/9, no Largo da Tieta, no Pelourinho), Rio de Janeiro (23/9, no Teatro Riachuelo) e São Paulo (26/9, na Casa Natura Musical). Os shows devem mesclar o repertório inteiramente autoral com composições que a acompanham desde o início da carreira — algumas inéditas em sua própria voz nos palcos. Depois de tantos álbuns com o nome começando o nome “Teresa Cristina Canta...”, agora temos um Teresa Cristina canta Teresa Cristina. E pela qualidade do single que se apresenta, que venham muitos outros.

Teresa Cristina conta que sua relação mais profunda com o samba começa quando estava na universidade. A obra de Candeia passou a fazer sentido como ferramenta de afirmação identitária e política

CRÍTICA DISCO | CATONHO

POR AQUILES RIQUE REIS*

É com prazer que lhes trago o novo trabalho do Guinga, “Catonho” (Vogas Produções). Gênio da raça, ele vem num formato que agora chamam EP (no meu tempo era “compacto simples”). Caramba! Vê-se que a criatividade composicional do cara aumentou, meu Deus! Enquanto sua verve vem com tudo, saltando aos olhos toda a desafação com que escolhe as palavras, concluo sem medo de errar: Guinga está muito perto de ser visto como um dos maiores compositores deste país... se bem que, a essa altura, ele já seja o maior!

Como já escrevi ao comentar Roendopinho, o seu primeiro álbum solo, de 2014: “para Guinga não basta criar belas frases musicais, há que fazê-las soar como nunca se ouviu igual”.

E assim me referi ao CD Zaboio, lançado em 2021: “com os sentimentos sempre à mostra, as letras de Guinga têm tudo a ver com as melodias, não têm rumo certo. Vão aonde o delírio de Guinga apontar. Palavras inesperadas, instigantes. Ouvi-las é transcender à beleza”.

Ainda reflito sobre isso, e assim me sinto ao ouvir as duas obras do recente EP desse cidadão suburbano, conhecedor das milongas cariocas e de seus mistérios. Nada lhe passa despercebido, tudo aflora em comunhão, versos, harmonias, melodias, ritmos – profundo alcance criativo.



Guinga parece compor cada vez melhor, como se vê no EP ‘Catonho’

Uma criação soberba (mais uma)

“Catonho”: qual um Paganini endiabrado, o violão despenca como o tesouro fantástico do qual Guinga se vale para criar

introduções que são verdadeiras obras-primas (se juntadas um dia na forma de um álbum só com elas, serão bem-vindas). A letra se

adapta à perfeição dos caminhos que a harmonia e a melodia lhe abrem: “eu sou um velho capenga/ Que realenga no Catonho/

Cafundá brejo medonho/ Cara a cara com o demônio/ Sou eu/ (...) eu sou moto perpétuo/ Paganini da Piedade/ Do Império da saudade/ Velha guarda e Mocidade/ Sou eu (...)”.

Dedicada à sua mãe, Dona Inalda, “Rua do Pecado” inicia de modo a reafirmar a excelência da música de Guinga, criador revolucionário, compositor e cantor que carrega em si o privilégio de fazer valer o talento com que foi brindado ao nascer. O que suas músicas conferem aos versos é inimaginável. As palavras se aconchegam a elas, como o cobertor protege do frio: “Minha mãe chorou/ As águas desse Rio/ Lavou de saudade/ A proa do navio (...) Mãe desembarcou/ No céu de Imbassai/ Só Seu Salomão morava ali/ São Bartolomeu casou minha mãe com a ventania/ Quando ela cantava/ Era ave rara Ave Maria/ Olerê olará/ Ai Ioiô de iaiá (...)”. Ao cantar com a voz diferente de qualquer outra, e com o total imperativo de quem associou o seu amor próprio à sua própria música, tudo é muito Guinga. Ouça em <https://sl1nk.com/gxpxy9x>.

Ficha técnica

Guinga: voz e violão; Fernanda Vogas: idealização e produção; Kassin: produção musical; Léio Moreira: gravação, mixagem e masterização; Xabier Monreal: capa; Cris Lopes e Nanda Vogas: fotos.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Em colab com jovens

Figura icônica do grunge, Eddie Vedder, o líder do Pearl Jam, se uniu a jovens músicos ligados à organização Guitars Over Guns, de Chicago (EUA), para criar a canção inédita “Better Believe”. A faixa foi apresentada ao vivo no último dia 18, durante a cerimônia de inauguração do Centro Presidencial Obama. Produzida por Andrew Watt, Andre “Add-2” Daniels, Paul LaMalfa e pelo próprio Eddie Vedder, a canção foi coescrita e interpretada em parceria com o grupo e já está disponível nas plataformas de streaming.



O brilho e calor do amor

Sam Smith anunciou o lançamento do novo single “My Guy”. O artista compartilhou no Instagram que a canção foi escrita com amigos em um dia de verão em Nova Iorque. “É uma canção que sinto que esperei a vida toda para escrever e cantar”, escreveu. “Espero que vocês possam sentir o amor e a proximidade dessa gravação. Tentei capturar o brilho e o calor do amor nesta faixa”, completou. O pré-save já está disponível. Sam Smith acumula premiações como Grammy, Brit Awards, Globo de Ouro e Oscar.



Na batida do pop rock

O cantor e compositor canadense Josh Beauchamp lançou o visualizer do single “Give It Back!”, no qual aborda o fim de um relacionamento tóxico que terminou em traição. A faixa mescla batidas eletrônicas com guitarras e sintetizadores, em uma atmosfera pop rock. Ex-integrante do Now United, Josh teve uma das melhores estreias solo entre os ex-membros. Seu single “Love You Again” ultrapassou 1 milhão de streams em menos de quatro meses. O artista esteve recentemente no Brasil, onde fez seu primeiro show ao vivo em São Paulo.

CORREIO CULTURAL



Rovena Rosa/Agência Brasil

Alceu Valença é uma das atrações da programação especial

TV Brasil mostra shows da folia junina

A TV Brasil exibe grandes performances musicais para celebrar as festas juninas na véspera e no Dia de São João na faixa Arraiá Brasil que entra no ar às 23h desta terça (23) e às 21h de quarta.

A telinha da emissora abre espaço para personalidades da cena cultural brasileira e talentos regionais em vários municípios do Nordeste. O especial reúne espetáculos em Salvador e Amargosa

(BA), Caruaru e Petrolina (PE), além de Mossoró e Assú (RN). Os destaques da programação de terça são Fagner, Chaminho do Acordeon e Flávio Leandro. A sequência de atrações ainda conta com o Arrasta Pé Babado Novo, PV Calado e Leo Magalhães. Na quarta, tem apresentação de Alceu Valença. A seleção musical ainda inclui Santana, João Gomes, Jorge Altinho e Jonas Esticado.

Conexão Gramado-Málaga

Pelo segundo ano consecutivo, o Festival de Cinema de Gramado participa da seleção do Prêmio Ibershorts, parte da programação do 30º Festival de Málaga, na Espanha. O mais tradicional festival de cinema do Brasil é um dos 29 selecionados de 20 países que poderão inscrever até dois curtas-metragens premiados em sua edição mais recente para concorrer à Biznaga de Melhor Curta-Metragem Ibero-Americano de Ficção. Um comitê conjunto selecionará as cinco produções finalistas, que serão exibidas durante a 30ª edição do evento.

Cine Cordeiro

Após mais de 40 anos sem salas de exibição, a população de Cordeiro (Região Serrana), volta a ter acesso ao cinema na própria cidade. O Governo estadual inaugurou sábado (20) o Cine Cordeiro, com capacidade para 172 pessoas, estrutura acessível e ingressos a preços populares.

Cine Cordeiro II

A abertura foi marcada pela exibição do filme "Nosso Sonho" e por um show gratuito do cantor Buchecha. O Cine Cordeiro tem duas salas de exibição: uma voltada para filmes em 2D e outra equipada para exibições também em 3D. O espaço possui sistema de som 5.1 e projetores digitais.

Carlinhos Brown fecha festival marroquino

Carlinhos Brown embarca para a África para participar pela segunda vez do Festival D'Essaouira Gnaoua - Musiques du Monde, em Essaouira (Marrocos). Seu show no sábado (27) fará o encerramento do evento. O festival destaca a importância da cultura local, promovendo encontros inéditos entre os maâlems - mestres da música Gnaoua - com artistas internacionais.



Divulgação



Divulgação

'A Doença da Morte', de Marguerite Duras, ganha nova edição brasileira pela Relicário, editora que vem se dedicando a difundir a obra da autora francesa no país

Uma obra singular na escrita de Marguerite Duras

Evento lança nova edição de 'A Doença da Morte' e promove mesa redonda com especialistas sobre a obra da premiada autora francesa



Divulgação

AFFONSO NUNES

Marguerite Duras morreu em 3 de março de 1996, em Paris. Nesta terça-feira (23), a Janela Livraria, em Laranjeiras, promove "Marguerite Duras: Escrever o irreparável", encontro que reúne a filósofa Carmel Ramos, a psicanalista Elisabeth Bittencourt, a professora e tradutora Cassiana Stephan e a especialista Luciene Guimarães. Na mesma noite, será lançado "A Doença da Morte", oitavo volume da Coleção Marguerite Duras da editora Relicário.

Filha de pais franceses, Duras nasceu em 1914 em Gia Dinh, na então Indochina Francesa — hoje Vietnã. Passou a infância e a adolescência no sudeste asiático antes de se mudar para Paris aos 18 anos, onde cursou Direito na Sorbonne. Essa vivência asiática marcou profundamente sua obra, que atravessa romances, peças de teatro, roteiros e filmes. Publicou mais de cinquenta

títulos, entre eles "Moderato Cantabile" (1958), "Uma Barragem contra o Pacífico" (1950) e a obra que a projetou mundialmente, "O Amante" (1984), vencedor do Prêmio Goncourt, adaptado ao cinema por Jean-Jacques Annaud. Foi também roteirista de "Hiroshima, Meu Amor" (1959), de Alain Resnais, marco da nouvelle vague, e dirigiu filmes próprios, como "Índia Song" (1976). Sua escrita foi associada ao nouveau roman e ao existencialismo, embora sempre tenha recusado rótulos.

Publicado originalmente em 1982 pela parisiense Les Éditions de Minuit, "La Maladie de la mort" ocupa um lugar singular na obra da autora. São páginas de densidade incomum. O romance narra o encontro entre um homem incapaz de amar, acometido pela condição que intitula o livro, e uma mulher que ele contrata para passar várias noites em um quarto à beira-mar. A tentativa de amor esbarra na impossibilidade de entrega. Escrita em segunda pessoa, a narrativa trata o homem como "você" e a mulher como "ela"

— recurso que arrasta o leitor para dentro da cena.

O livro nasceu em circunstâncias extremas. Duras escrevia em Trouville consumindo seis a sete litros de vinho por dia. Quando concluiu as primeiras páginas, mudou-se para Neauphle: parou de comer, continuou bebendo. Incapaz de escrever com as próprias mãos, ditava o texto para Yann Andréa, seu companheiro. O título provisório era "A Scent of Heliotrope and Citron". Em outubro de 1982, foi internada à força no American Hospital de Paris para tratar o alcoolismo. Ao receber alta, revisou o livro.

A obra resiste à interpretação como poucas na bibliografia de Duras. A mulher, que não é apresentada como prostituta, aceita o acordo; o homem quer aprender a amar e descobre que a doença que o habita não tem cura. A autora leva ao extremo temas como misoginia, dor, amor impossível, despojamento da linguagem sem as âncoras biográficas que sustentam livros como "O Amante" ou "A Dor".

O evento propõe ler Duras como interlocutora viva da filosofia e da psicanálise. A mesa articula saberes para pensar o "irreparável", uma dimensão da experiência que a escrita de Duras provoca. A nova tradução, assinada por Cassiana Stephan e Luciane Bogonika, chega pelo selo Relicário, que há cinco anos realiza um trabalho sistemático de tradução e difusão da autora no Brasil.

SERVIÇO

MARGUERITE DURAS: ESCREVER O IRREPARÁVEL
Janela Livraria (Rua General Glicério, 324, Laranjeiras)
23/6, às 19h | Grátis



Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Regado a autoridades em sua luta para debelar o preconceito, a edição 2026 da retrospectiva *Quem Quer Queer?*, do Grupo Estação abre a telona da *Voluntários da Pátria* nº 35, às 17h10 desta terça-feira, pra “*Madame Satã*” (2002), no empenho de fazer um dos mais eletrizantes cults da Retomada cativar novas gerações. Lançado há 24 anos, via Cannes, o longa-metragem de estreia do cearense Karim Aïnouz não apenas revelou um cineasta de imaginação febril, interligado com as artes visuais, como abriu uma avenida inédita para a dissidência passar. É um ensaio sobre o que o *statuos quo* apelidou de desviante, a fim de opor a marginalidade às suas normas na invenção de identidade no cinema brasileiro contemporâneo.

Inspirado na trajetória do pernambucano João Francisco dos Santos (1900-1976), figura lendária da noite na Lapa, que atravessou a primeira metade do século XX entre a malandragem, a boemia e a resistência social, o filme de Karim rejeita a armadilha da cinebiografia convencional e não se rende aos feitos do homem que o impulsiona. Karim nunca se interessou por transformar *Madame Satã* em monumento histórico, nem buscar dar reverências a ele. Seu interesse - reconhecido pela plateia



Maria Lobo/Divulgação

Estação Satã

Cult do cearense Karim Aïnouz pede passagem pelo cinema de Botafogo em retrospectiva queer, desafiando tabus, à espera do novo longa de Karim Aïnouz

da mostra *Un Certain Regard* de Cannes, onde nasceu - está em captar uma força vital em perma-

nente combustão.

A câmera do diretor de fotografia paraibano Walter Carvalho

segue gulosa os corpos comprimidos pela pobreza, pelo racismo e pela violência institucional, a se

destacar a voz de Eduardo Coutinho, pilar do documentário, a encarnar uma autoridade que enuncia seu destino, sem ser vista. Walter, em fricção com o desejo de descoberta de Karim, ajuda a incendiar a mítica de reinvenção. O *Satã* bom de briga vivido por Lázaro Ramos surge como um sujeito em errância plena, que desafia interditos. É pai (adotivo)... e dos mais afetuosos, é artista dos palcos, costuma ainsa ser um criminoso ocasional na ladroagem. Fora isso, é um amante voraz de homens suados e carentes. É um sobrevivente e um símbolo de liberdade. O devir diva lhe dá força, no sonho de brilhar na arte do canto e da dança, embalado nos versos “*Aurora... vem raiando... anunciando*”.

Na virada dos anos 1990 para os 2000, quando o cinema nacional ainda buscava consolidar os caminhos da chamada *Retomada*, “*Madame Satã*” apareceu como um corpo estranho, a um só tempo refinado e feroz. Sua encenação visceral, de uma sensualidade tensa, afastava-se tanto do realismo televisivo quanto do naturalismo predominante em parte da produção da época. Karim fazia da Lapa uma arena de tesões e compassos de capoeira.

Na virada dos anos 1990 para os 2000, quando o cinema nacional ainda buscava consolidar os caminhos da chamada Retomada, ‘Madame Satã’, de Karim Aïnouz, apareceu como um corpo estranho, a um só tempo refinado e feroz

Cerca de duas décadas e meia depois de seu lançamento elogiado, a *Madame Satã* de Lázinho ainda impressiona por sua ousadia formal, sem medo de ser belo. Questões ligadas à identidade de gênero, à performatividade, à ocupação dos espaços urbanos e à construção política dos corpos aparecem ali, despidas de didatismo, livres dos AITs da correção política. Nada vira bandeira. Tudo se dá à flor da pele e explode como reconhecimento da experiência sensível.

A força de “*Madame Satã*” também ajuda a compreender a trajetória posterior de Karim. “*Praia do Futuro*” (2014), (sua obra-prima) “*A Vida Invisível*” (2019) e “*Motel Destino*” (2024) batem cabeça para almas deslocadas.

No segundo semestre, em dobradinha com a MUBI, ele lança “*Rosebush Pruning*”, apresentado na competição da Berlinale de 2026. Na capital alemã, ele rachou opiniões com a opulência com que retrata uma família aristocrática dos EUA, alocada na Espanha e abalada pela perda da matriarca (Pamela Anderson). Fez um “*Dallas*” cheio de tesão. Incesto, traição e ataques de lobos desenharam essa releitura que o diretor de Karim fez (com elenco internacional classe AA) do cult italiano “*De Punhos Cerrados*” (1965), de Marco Bellocchio. A fotografia da francesa Hélène Louvart é seu trunfo. O desempenho do dramaturgo e ator Tracy Letts como um patriarca cego é memorável. Que estreie logo...

ANNÉCY
FESTIVAL

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

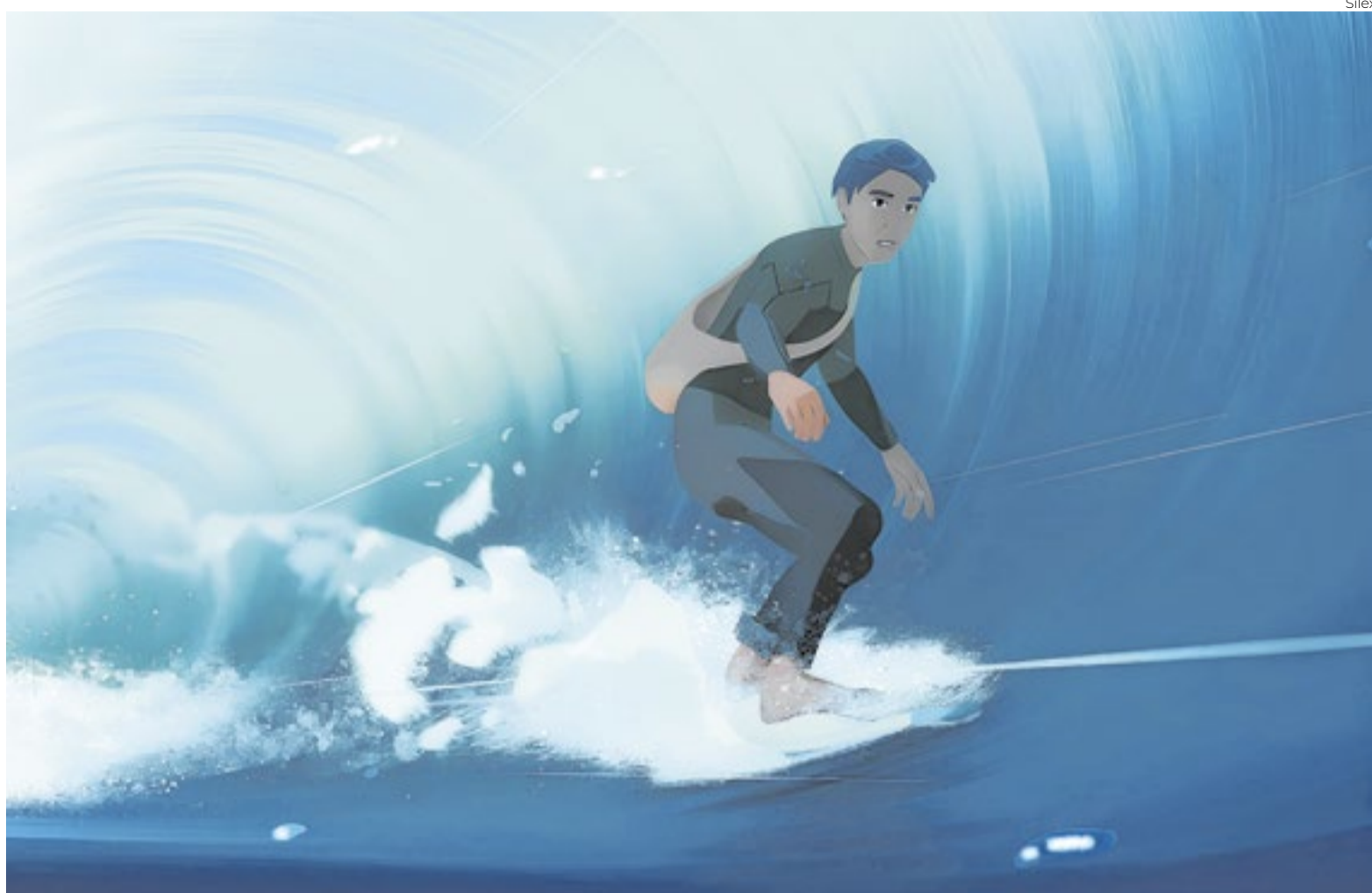
Depois desta segunda-feira em que desbravou um Brasil de reinvenções afetivas com a grife da Otto Desenhos chamado “O Filho da Puta”, instalado na seção competitiva Contracampo, Annecy, lar do maior festival de animação do planeta, vai surfar na prata da casa, a França, mas em ponte com o Vietnã da diretora Phuong Mai Nguyen. É ela quem assina os delicados planos de “In Waves”, adaptação de uma HQ existencialista ligado ao luto e à ecologia.

“O filme nasceu de uma reação sensível minha a um quadrinho que tem muito estilo gráfico, ao mesmo tempo que carrega uma verdade profunda de dor”, disse Phuong ao Correio da Manhã em Cannes, onde a produção abriu a Semana da Crítica, saindo de lá para a disputa oficial de Annecy, na luta pelo troféu Cristal de 2026.

Aclamado na Croisette, esse drama com um pé no mar e outro na morte parte da graphic novel homônima do surfista e artista gráfico AJ Dungo, lançada no Brasil pela Nemo e baseada em uma perda pessoal dele, num ambiente de surfistas, de skate e de um primeiro amor. “Eu vi muitos vídeos de surfe na concepção da narrativa animada, só que a minha produtora sempre me indicava o que considera ‘O’ filme de surfe mais importante de todos: ‘Caçadores de Emoção’, com Patrick Swayze e Keanu Reeves. E é mesmo bom. Só que eu queria uma abordagem mais humilde do esporte. Mais humanista também”.

Muitos títulos animados saíram de Cannes carregados de elogios, em especial “Jim Queen”, sobre um vírus que transforma gays fora do armário em héteros. De um colorido dos mais acachapantes, “In Waves” destacou-se nessa seleção da Croisette... e começa a construir um caminho para ao Oscar... pela forma como dói na plateia. Dói sobretudo por se deixar levar pelo inusitado, qual estivesse numa nau de autodescobertas. Em sua trama, Cannes navegou no amadurecimento do skatista AJ (interpretado na voz do multiartista Will Sharpe). Adolescente, o rapaz é apaixonado por desenho e por skate. Um novo benquerer se impõe em sua rotina no momento em que tromba com Kristen (na voz de Lyna Khoudri). Ela é uma surfista impulsiva, surpresa com a rala intimidade do rapaz com a água. Eles se encontram nas praias californianas de Los Angeles.

Entre os dois nasce uma relação intensa, construída entre tardes de chamego. Tudo flui até a descoberta de uma moléstia grave nas células de Kristen. Essa doença altera bru-



Em meio à experiência do primeiro amor retratada em ‘In Waves’, um jovem encontra no surfe uma prática de reeducação afetiva

Arrebentação animada

Baseada em HQ autobiográfica, ‘In Waves’, revelado na Semana da Crítica de Cannes, passa por Annecy, em busca de prêmios com força para fazer de sua dor um veio para o Oscar



Divulgação

“O filme nasceu de uma reação sensível minha a um quadrinho que tem muito estilo gráfico, ao mesmo tempo que carrega uma verdade profunda de dor”

PHUONG MAI NGUYEN

talmente o percurso desses enamorados, obrigando-os a confrontar a fragilidade do Tempo. “As principais viradas da história acontecem nos instantes em que nada é dito,

deixando o mar dar o traço da cartase”, disse Sharpe ao Correio, sem se orgulhar de sua destreza ao surfar. “Da prancha eu não caio, mas não chamo ninguém para ver como eu

me saio nas ondas”.

Embora siga uma linha dramática de romance geracional crepuscular (tipo “A Culpa É Das Estrelas”), “In Waves” chega potente

à disputa de troféus de Annecy por driblar algoritmos mais popularescos e apostar num caminho existencial.

“É um romance no qual a escolha das cores reagem às distintas experiências das personagens”, diz Phuong Mai.

Também vindo de Cannes, mas da Quinzena de Cineastas, “We Are Aliens”, de Kohei Kadowaki, também passa por Annecy atrás de laúreas. Em seu enredo, uma confusão aparentemente banal afeta para sempre a vida de um menino, em seu processo de amadurecimento.

Amadurecer é um dos verbos essenciais ao supracitado “O Filho da Puta”, cuja direção é assinada a oito mãos: Sávio Leite, Érica Maradona, Otto Guerra e Tania Anaya. Há cerca de 10 dias, a longa foi premiada no AnimaFest Zagreb, na Croácia, uma das mais antigas mostras animadas do planeta, que está em sua edição número 54. Sua trama se passa na pequena vila de Veredas, onde fica a Casa Rosa, um famoso bordel administrado pela mãe do protagonista, Ismael. Tentando deixar essa realidade para trás, o rapaz se afasta dos laços maternos em busca das duas coisas que nunca conheceu: seu pai e o oceano.

E Annecy desfruta de um gostinho, há muito azedado pela coreção política, do épico capa & espada com “Sekiro: No Defeat”, de Kenichi Kutsuna. No Japão feudal, havia uma terra chamada Ashina. Sob a ameaça de invasão, seus samurais recorreram a Kuro, o Herdeiro Divino, e tentaram usar seu poder especial para seus próprios fins. Ele é resgatado por Wolf, seu único servo, mas descobre que seu poder causa uma doença mortal nos outros. Antes e depois dessa descoberta, o sangue derramado será temperado pelo aço das katanas.

Annecy segue até domingo.

Abençoado por Gil

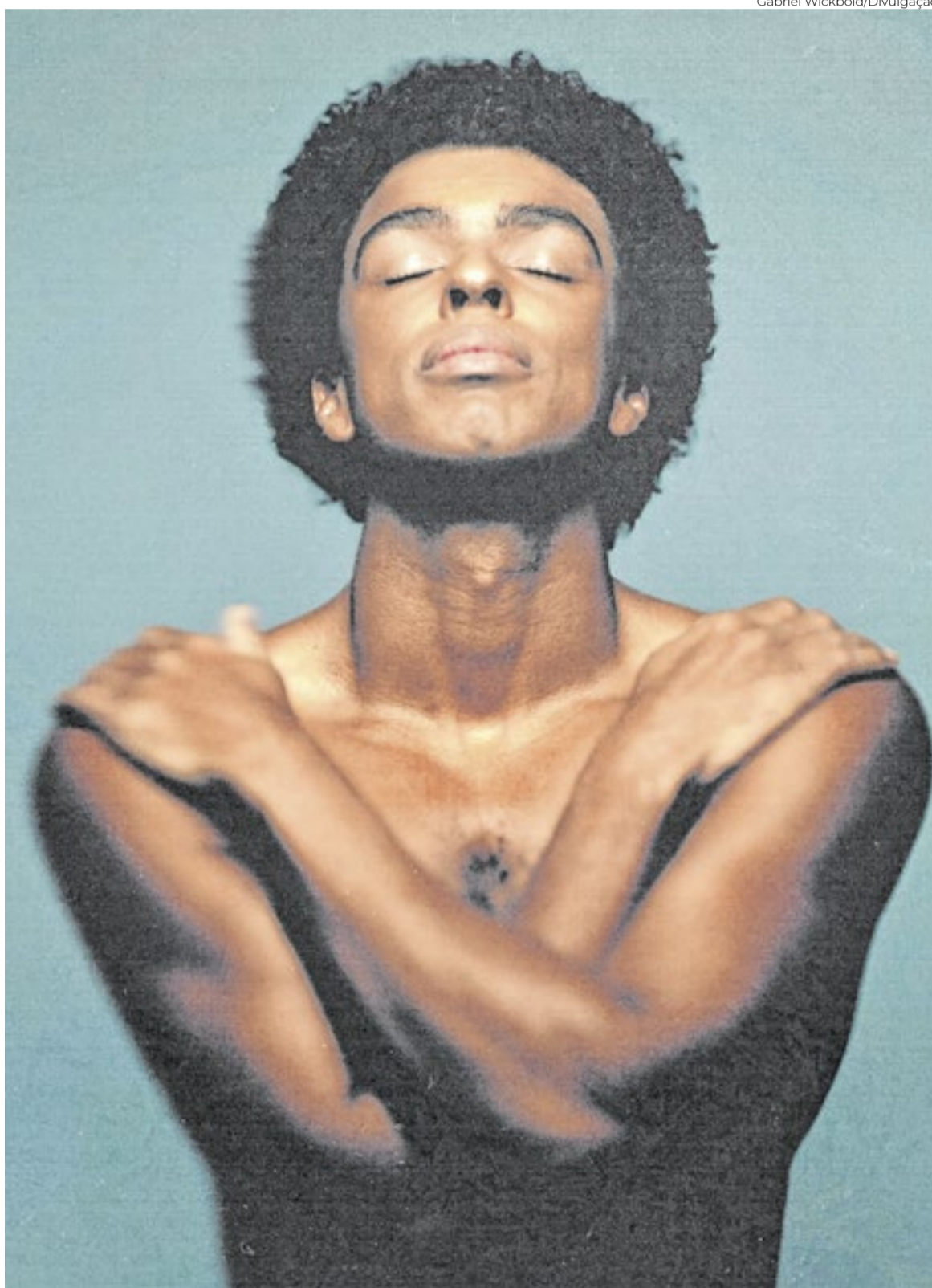
Dirigido por Miguel Falabella e com texto de Newton Moreno, “Gil – Andar com Fé” estreia em agosto em SP. Protagonista foi aprovado pelo próprio Gil em encontro no Rio

Antes mesmo de o público saber quem viveria Gilberto Gil no musical que está montando, Miguel Falabella apresentou o escolhido ao próprio homenageado. O encontro aconteceu no Teatro Fernanda Montenegro, no Copacabana Palace. De um lado, o diretor e sua aposta. Do outro, um dos maiores nomes da música brasileira, que ouviu, conheceu e abençoou o intérprete de sua própria história.

O escolhido é Gui Ventura, ator, cantor, músico e compositor mineiro de Santa Luzia. Foram mais de 800 candidatos na disputa pelo papel. Quando Gilberto Gil apareceu, Gui não segurou as lágrimas. “Vivi um misto de emoção e catarse. Eu estava diante não só de um dos grandes mestres da nossa música, mas do artista que tanto me influenciou a ponto de ter sonhado um dia interpretá-lo no cinema”, disse. Antes de sair, prometeu: “Vou fazer o melhor que eu puder.” A resposta de Gil foi rápida: “Faça apenas o que puder, não precisa do melhor.” Os dois encerraram o encontro cantando juntos “A Paz”, em dueto.

O musical se chama “Gil – Andar com Fé”, primeira biografia musical dedicada à trajetória de Gilberto Gil. A estreia está marcada para 20 de agosto de 2026 no Teatro Santander, em São Paulo.

A direção é de Miguel Falabella. O texto é de Newton Moreno, dramaturgo premiado por peças como “Agreste”,



Gabriel Wickbold/Divulgação

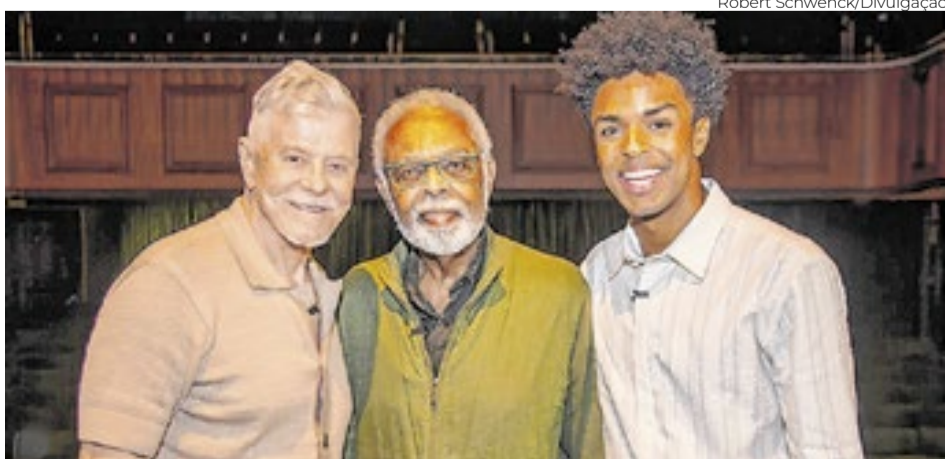
Cantor e compositor mineiro, Gui Ventura foi o escolhido de Miguel Falabella para interpretar Gilberto Gil no musical sobre o artista baiano

“As Centenárias”, “Memória da Cana” e “Cangaceiras”, cuja obra se destaca pela brasilidade e pela densidade poética. A produção é da Atual Produções e da Aurora Produções, responsáveis por montagens como “Tom Jobim Musical”, “Elvis – A Musical Revolution”, “Dreamgirls” e “Chicago”. O elenco contará com 48 artistas entre músicos e atores. O restante dos nomes será revelado nesta sexta-feira (26), data do aniversário de 83 anos de Gilberto Gil.

Diferente das biografias musicais convencionais, “Gil – Andar com Fé” não segue uma linha do tempo. A concepção se inspira na noção iorubá de tempo — em que passado, presente e futuro não se enfileiram, mas se entrelaçam. Exílio e infância, Londres e Ituaçu, o palco e a vida íntima convivem no mesmo instante. A estrutura dramática sugere uma travessia guiada por canções como “Eu Vim da Bahia”, “Andar com Fé”, “Aquele Abraço”, “Domingo no Parque”, “London, London”, “Tempo-Rei”, “Se Eu Quiser Falar com Deus”, “Drão”, “Vamos Fugir”, “Back in Bahia”, “Palco”, “Realce” e “Toda Menina Baiana”.

A trilha recria momentos de saudade, exílio, resistência e celebração. O espetáculo também atravessa figuras fundamentais da história de Gil: Caetano Veloso, Flora Gil, Gal Costa, Maria Bethânia, Luiz Gonzaga e Sandra Gadelha aparecem como personagens que ajudaram a moldar sua trajetória pessoal e musical.

Miguel Falabella, Gilberto Gil e Gui Ventura durante encontro no Rio. Restante do elenco do musical será apresentado nesta sexta-feira



Robert Schwenck/Divulgação

“Vivi um misto de emoção e catarse. Eu estava diante não só de um dos grandes mestres da nossa música, mas do artista que tanto me influenciou a ponto de ter sonhado um dia interpretá-lo no cinema” **GUI VENTURA**



Fora das paredes das galerias

Exposição virtual 'Contra a Corrente' reúne artistas que desafiam padrões estéticos e de mercado



Fotos/Divulgação



A exposição valoriza obras que questionam padrões estéticos, sociais ou culturais, e que revelam a coragem de se posicionar

AFFONSO NUNES

Há quem veja na arte contemporânea um território cada vez mais pasteurizado por tendências, curadorias alinhadas e um mercado que premia o previsível. É contra esse enquadramento que a recém-criada Underdog Gallery lança sua primeira exposição, "Contra a Corrente", inteiramente virtual, com curadoria de Luana Quintanilha. A proposta é dar espaço a artistas que constroem suas trajetórias fora do eixo dominante.

A curadoria parte da ideia de resistência criativa, uma escolha deliberada de não se adaptar a normas, expectativas de mercado ou fórmulas estéticas consagradas. A exposição aposta no contraste e na tensão entre linguagens, valorizando obras que questionam padrões estéticos, sociais ou culturais, e que revelam a coragem de se posicionar de forma singular.

Cinco artistas convocados para essa primeira ocupação virtual: Renato Sha-



SERVIÇO

CONTRA A CORRENTE

Exposição virtual no site (www.underdoggallery.com) e Instagram (@[galleryunderdog](https://www.instagram.com/galleryunderdog)) | Até 15/7 | Grátis

má, Jovem Taka, Mario Maundrell, Bruno Castaing e Lalin Witch — cada um com sua própria chave de acesso ao inesperado. Castaing, francês radicado no Rio, transita entre a fotografia e as artes visuais com um olhar que desloca o familiar. Lalin Witch, artista plástica que já expôs individualmente no Espaço Cultural Correios Niterói, trabalha com uma busca sem filtros por si mesma. Os demais nomes completam um conjunto que não busca semelhanças formais, mas conexões conceituais entre trajetórias que se desenvolvem à margem.

Em vez de disputar o espaço restrito das galerias físicas, a Underdog Gallery ocupa seu site e perfil do Instagram com esses trabalhos, numa tática de guerrilha que ampliando o alcance para além dos circuitos habituais.

"Se a arte é capaz de transformar o mundo, juntos podemos transformar a forma como ela é vista", defende a curadora Luana Quintanilha no manifesto de apresentação da galeria. "A arte é muito mais poderosa quando abraça o que é diferente", completa.